

32.

IGREJA DE SÃO TIAGO DE VALADARES



Rua P. Alcino Monteiro
Valadares
Baião



41° 8' 40.24" N
7° 58' 58.61" O



918 116 488



Sáb. 16h/17h (inv./ver.)
ou Dom. 9h



São Tiago
25 julho



Monumento de
Interesse Público, 2012



P. 25



P. 25



x

Valadares é, como o topónimo recorda, vale fértil e de bons ares. Implantou-se nele a pequena Igreja que se enquadra nas designações periféricas de “românico de resistência” ou “gótico rural”, exemplar tardio de um edifício marcado pelas vicissitudes da Idade Média: poucos recursos, distante dos principais centros, interferências senhoriais e eclesiásticas, etc. Talvez assim se explique a reedificação da capela-mor, que aproveitou uma inscrição datada da “Era de 1226” (ano de 1188), hipotética reminiscência do edifício anterior.

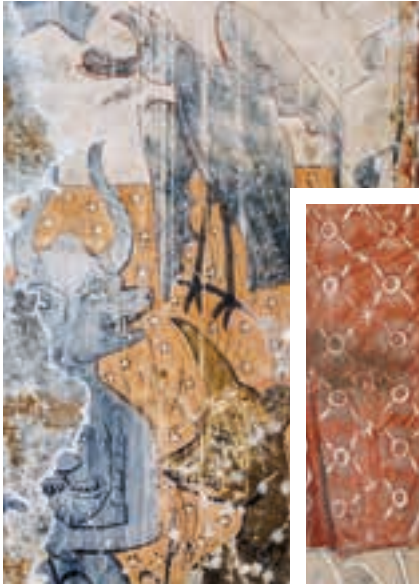
Constituída por nave única e capela-mor quadrangular, mais estreita e mais baixa, a Igreja aparenta uma estrutura vernacular, que alguns entendem por “rústica”, devido à forma e disposição dos seus silhares, de diferentes dimensões e que criam uma certa irregularidade aos seus muros. É na capela-mor e na fachada norte que se conserva a primitiva cachorrada da Igreja, patenteando uma decoração composta por rolos, bolas e algumas figuras algo despretensiosas. O carácter tardio destes cachorros é testemunhado pela difícil adequação dos elementos esculpido à forma original deste elemento de suporte. Na fachada norte, a persistência de mísulas salientes a meia

altura do paramento informam-nos ter aqui existido uma estrutura alpendrada. A fachada principal é encimada por um campanário de duas sineiras, sendo apenas rasgada por um portal inscrito na espessura do muro que, pelo seu arranjo, nos confirma uma cronologia tardia para a edificação desta Igreja e que devemos colocar em finais do século XIII. Ligeiramente quebrada, a arquivolta exterior apresenta-se lisa e com arestas algo chanfradas (meia-lua). Já a interior é pontuada por pérolas no chanfro, motivo que se repete ao nível das impostas. Também o portal da fachada sul confirma esta tese, por ser apenas composto por uma arquivolta lisa inserida na espessura do muro. Alvos de debate têm sido as esculturas relevadas que, na fachada principal, marcam o arranque da empena: do lado

esquerdo, um coelho ou lebre, talvez simbolizando um desejo comunal de fertilidade e, do outro lado, um animal que ainda não foi identificado.

O poder senhorial foi sempre uma constante na história de Valadares, para o bem e para o mal. Por um lado, a Igreja fundou-se em propriedade particular e esteve assim sujeita aos desmandos dos seus familiares, até o poder da Igreja Católica pôr cobro a este tipo de intervenções. Mas nunca deixou a esfera dos senhores de Baião, concelho onde sempre se integrou Valadares. Os nobres proviam no cargo de abade homens da sua confiança e proximidade, alguns deles, como João Camelo de Sousa, no século XV, ou os próprios filhos, que aqui auferiam os rendimentos da Igreja.





Deve-se, aliás, àquele ilustre abade o papel de mentor das pinturas murais que até há bem pouco tempo eram consideradas elemento enigmático da arte parietal portuguesa. Estas mostram cenas dispostas segundo um retábulo fingido dividido por vários painéis, onde se dispõem santos e santas e cenas da vida de Cristo: *Santa Catarina de Alexandria*, a *Lamentação sobre Cristo Morto*, a *Virgem com o Menino*, *São Tiago* e *Santa Bárbara*. Na parede norte, um conjunto de animais fantásticos parece querer mostrar-nos o caminho até aos Infernos e, na parede oposta, *São Pedro* e *São Paulo*.

Este belo conjunto de representações pictóricas, atribuído a um mestre de expressão regional, mas com hábil pincel, revela já considerável investimento na ornamentação da Igreja, decerto por parte dos senhores de Baião que detinham o padroado de Valadares.

Com a modernidade, a Igreja de Valadares sofreu várias alterações no seu interior. A espacialidade medieval foi revestida com

retábulos em madeira dourada e policromada. O gosto pelo barroco encheu a pequena Igreja de brilho e cor. O São Tiago, romeiro, foi também revisto à luz da prédica dominicana que devia chegar aqui via Ancede (Baião) (p. 139), de onde os monges pregadores falavam de um Apóstolo “mata-mouros”, combatente das heresias e dos protestantismos que, embora não chegassem a Valadares, soavam lá longe, na Europa. Assim, quer no arco cruzeiro, quer no teto da nave, salta à vista a iconografia algo excêntrica do companheiro de Cristo, diverso, aliás, da escultura barroca (o patrono) que repousa, peregrino vigilante, em nicho do retábulo-mor.

Esta estrutura impõe-se pela valiosa articulação da sua talha de estilo barroco nacional, com a exígua capela-mor, cujo teto, em caixotão, parece prolongar na horizontal todo o trabalho de carpintaria e marcenaria vertical.

Na nave, os dois retábulos colaterais surgem como elementos da expressão devocional da comunidade.

O DIREITO DE PADROADO

O direito de padroado consistia em auferir da possibilidade de designar o pároco da igreja e recolher os rendimentos da mesma. Destes separava-se a paga devida ao clérigo e a destinada à fábrica da capela-mor da igreja, já que a nave estava a cargo dos fregueses. Nem sempre os padroeiros da igreja, quer leigos, quer eclesiásticos, cumpriam o dever de manter a capela-mor devidamente asseada, concertada e ornamentada como devia ao espaço mais nobre da igreja. Mas muitos faziam-no com zelo e, sobretudo, com o intuito de deixar a sua marca ou a da sua linhagem, como forma de promoção e modelo de prestígio ou piedade.

No século XVIII eram dedicados ao Sagrado Nome de Jesus e à Virgem do Rosário, hoje "substituídos" pelos títulos do Sagrado Coração de Jesus e Virgem do Rosário de Fátima. Fazem parte de uma estrutura maior que reveste todo o arco cruzeiro, febrilmente decorado com nichos e sanefas, colunas torsas e estriadas, combinando várias gramáticas e linguagens desde o período do maneirismo ao barroco joanino. Sobre o arco, São Tiago

"mata-mouros" encontra-se ladeado por dois santos maiores da ordem dominicana: São Gonçalo de Amarante (reconhecido pela ponte que o acompanha) (p. 278) e São Vicente Ferrer, guia das almas.

O interior desta Igreja consagrada a São Tiago Maior é, pois, um bom testemunho de como numa igreja românica facilmente se moderniza a sua estética, adequando-a aos novos gostos e às várias liturgias.



A NÃO PERDER

- 17,5 km: Aldeia de Mafómedes (p. 273)
- 8,3 km: Fundação Eça de Queiroz (p. 273)